

LITERATURA INFANTIL: A ARTE A SERVIÇO DA ALFABETIZAÇÃO E DO LETRAMENTO.

Paola Miranda ALVES¹
Eliana S. O. VALENTE²

RESUMO

O presente estudo tem por objetivo evidenciar a importância da literatura infantil no ciclo de alfabetização que vai do 1º ao 3º ano do ensino fundamental. A partir de uma reflexão baseada em estudos teóricos sobre o assunto, o intuito ora estabelecido é o de discutir a relevância da literatura enquanto instrumento de auxílio na construção do conhecimento linguístico, bem como na sua funcionalidade enquanto formadora de sujeitos socialmente ativos. Para tanto, a contação de histórias parece ser, entre os teóricos, o recurso mais recomendado aos mediadores, em todas as fases da educação escolar, sendo que na infantil ganha maior ênfase, por seu caráter lúdico e motivador.

PALAVRAS-CHAVE

Literatura Infantil, alfabetização, contação de histórias, formação do leitor.

1. Introdução

Alfabetizar uma criança é dar a ela algo que transcende as fronteiras da decodificação de palavras. É ensiná-la no cotidiano escolar insistentemente o encanto de ler, compreender e permitir que suas ideias sejam também lidas e compreendidas, para garantir-lhe o direito de se tornar um sujeito pensante, capaz de interagir com o mundo e agir sobre ele.

Entretanto, em meio ao processo escolar de alfabetização é possível notar casos que nem mesmo o pedagogo responsável pela mediação necessária entre a criança e o conhecimento está preparado para desempenhar a contento sua tarefa, com formação insuficiente ou instrumentos incapazes de obter o resultado esperado no processo.

¹ Graduanda em Pedagogia – FIRA – Faculdades Integradas Regionais de Avaré – 18700-902 – Avaré-SP – Brasil – paah.miranda_28@live.com

² Docente do Departamento de Letras – FIRA – Faculdades Integradas Regionais de Avaré – 18700-902 – Avaré-SP – Brasil – eliana.valente@hotmail.com

Assim, como a formação é complexa e sua avaliação incapaz de ser estudada em breve espaço de tempo, vale à pena atentar-se para o segundo elemento apontado, ou seja, focar nos instrumentos utilizados para o trabalho com a alfabetização da criança.

Como se sabe, a quantidade de materiais com esse fim disponibilizado hoje no mercado é gigantesca, então se faz necessário aqui delimitar o foco investigativo. Assim sendo, o interesse deste trabalho é o de compreender porque e como a Literatura Infantil pode ser explorada enquanto instrumento de alfabetização. Partindo do pressuposto de que ela seja fonte de prazer e estímulo permanente ao pequeno em fase de alfabetização e que o professor alfabetizador precisa dos instrumentos mais adequados para atingir seu objetivo – e a Literatura Infantil apresenta-se como um deles – partimos para o levantamento teórico bibliográfico acerca do assunto.

1. A Literatura Infantil e a criança

Os textos literários para crianças são ferramentas fundamentais na construção da personalidade, sendo uma ponte para sonhar e um caminho a percorrer, cheio de surpresas e aprendizados. Ainda que a realidade não seja tão colorida, quando se está diante de uma boa história, a imaginação brota como uma árvore frutífera em meio a figuras e palavras, fazendo com que o leitor experimente emoções novas a partir das histórias lidas antes de dormir, embaixo de uma árvore, com os amigos ou até mesmo em uma aula interessante da escola – vale dizer que é papel de todo professor assegurar que de alguma maneira essas vivências se realizem. Segundo REYES (2013, p. 37),

As possibilidades interpretativas e a grande riqueza emocional e cognitiva que a ficção mobiliza provêm o substrato – como aqueles nutrientes invisíveis dos pratinhos das bonecas – para que cada ser humano desenvolva, desde o começo e ao longo das distintas etapas da vida, alternativas ricas e diversas para seu crescimento contínuo como sujeito interpretativo, imaginativo, sensível, crítico e criador: autor e co-autor a um só tempo, em diálogo permanente com o dado e com o que cada pessoa tem para dizer

Ainda a respeito da relevância da Literatura Infantil para a criança, acrescenta-se a colocação de FERREIRA (2008, p. 10) ao declarar:

Faz-se necessário compreender a importância que traz a literatura infantil para a formação da criança, pois é através das leituras que se possibilita ao homem conhecimento de cunho cultural, econômico,

político, moral, ético e social para formá-lo um cidadão justo e questionador de sua realidade. (2008, p.10)

E completa CADERMATORI:

O mundo fictício dos contos de fadas, da magia, dos finais felizes, expresso nos livros infantis, possibilita às crianças idealizarem um mundo de paz, sonhos, amor e brincadeiras. A leitura proporciona uma fuga da realidade, penetrando-se em um mundo em que o leitor torna-se o personagem com o qual ele mais acredita se identificar. (1994, p. 54)

O surgimento das narrativas para crianças se deu junto com a prática pedagógica, uma vez que os primeiros escritores a se dedicarem a este público foram pedagogos dos séculos XVII e XVIII, período caracterizado pela ascensão do universo infantil tendo a criança como um leitor em potencial. A necessidade de possuir uma literatura apropriada surge, com intuito de demonstrar intencionalidades pedagógicas e funcionalidades sociais, para por meio dos livros disseminarem conceitos ideológicos, como destaca Zilberman:

O livro escolar passa a desempenhar, em casa, a função do mestre, e, além de instruir a criança dentro dos moldes burgueses, desempenha uma função modeladora junto às mães e aos pais que necessitam ser reeducados dentro do espírito capitalista (ZILBERMAN 2003, p. 49).

E complementa ainda Coelho apud Meireles (1984, p.85) para quem as “narrativas das antigas tradições orais são reescritas e readaptadas mediante intencionalidades pedagógicas, ideologias, valores e novos saberes da burguesia e da ciência pedagógica moderna”.

Quanto à Literatura Infantil brasileira, esta nasce no período de transição entre a Monarquia e a República, com a ascensão da burguesia. As primeiras produções ocorrem por volta do século XIX e início do século XX, denominados “livros de leitura”, em sua maioria traduções e adaptações literárias européias. Os primeiros escritos nacionais são compostos de temáticas cristãs, moralistas e patriótica-cívicas, não tendo o intuito de estimular a criança a viver sua fase infantil de forma prazerosa mas sim, preparando-a para o mundo “adulto”. Neste período, segundo Mortatti (2006) a alfabetização era realizada de forma autoritária por meio do professor, através de um material chamado “Cartas ABC”, o ensino de leitura era feito por meio dos métodos de marcha sintética, que se realiza a leitura “da parte para o todo”, com o conhecimento das letras (alfabético),

introduzindo o sons correspondentes as letras (fônico) e da silabação, partindo das sílabas à emissão de sons.

A partir das obras de Monteiro Lobato para o público infantil, a visão literária muda, e torna-se possível contemplar as narrativas como ferramentas fundamentais para abordar assuntos diversificados e relevantes na construção do saber de forma divertida e prazerosa. Lajolo e Zilberman (1986, p.54) afirmam que o sítio do Pica-pau Amarelo não é apenas um plano de fundo para as ações dos personagens, nele são representadas as concepções de mundo do autor, bem como uma nova ótica a respeito da criação de obras para a infância.

Coube a Lobato a fortuna de ser, na área da literatura infantil e juvenil, o divisor de águas que separa o Brasil de ontem e o Brasil de hoje. Fazendo a herança de o passado imergir no presente, Lobato encontrou o caminho criador que a literatura infantil estava necessitando. Rompe, pela raiz, com as convenções estereotipadas e abre as portas para as novas ideias e formas que o novo século exigia (COELHO, 2009, p.165)

E sobre sua obra, Nunes define em breves palavras sua ideologia:

Tudo é descrito vivamente e de modo rápido. No Sítio do Picapau Amarelo, não existe diferença entre realidade e fantasia. A obra infantil de Lobato caracteriza-se pela vontade de libertação. Moralismo convencional e sugestões religiosas foram aí abolidos. Lobato antes de mais nada, louva a vida. Seus livros acreditam na inteligência das crianças. Não será difícil descobrir nesses textos em prosa uma filosofia de vida. (NUNES, 2000, p. 45)

Atualmente existe uma gama de livros infantis gigantesca que pode e deve ser explorada na formação da criança. O melhor caminho para o estímulo ao conhecimento é proporcionar as vivências literárias desde os primeiros anos de vida possibilitando o contato com os livros, a fim de que estes se tornem leitores capazes de criar, imaginar, criticar, ou seja, cresçam cheias de conhecimento sobre si e sobre o mundo para a construção da autonomia de pensamento.

Ouvir histórias é muito importante na formação de qualquer criança, é o início da aprendizagem para ser um leitor e, tornar-se um leitor é começar a compreender e interpretar o mundo. Por isso precisamos “[...] ler histórias para as crianças, sempre, sempre...”

(ABRAMOVICH, 1993, p.17).

2. A Literatura Infantil e a Alfabetização

O processo de globalização transforma continuamente as concepções esperadas para o desenvolvimento do indivíduo socialmente, o que anos atrás era suficiente na formação cognitiva, transcende as expectativas hoje impostas. A alfabetização encontra-

se nesse processo amplo de aprimoramento, tendo em vista a insuficiência de entendê-la, na escola, apenas como prática para decodificar códigos escritos, faz-se necessário refletir sobre esta questão a partir da ótica do letramento que denomina-se o uso adequado da leitura e escrita nas práticas sociais em que se complementa este processo, proporcionando a aprendizagem eficaz que leva ao pensamento crítico transformador.

Kramer e Abramovay declaram:

Concebemos a alfabetização, portanto, como um processo de representação que envolve substituições gradativas (ler um objeto, uma figura ou desenho, uma palavra), onde o objetivo primordial é a apreensão e a compreensão do mundo, desde o que está mais próximo à criança ao que está mais distante, visando à comunicação, à aquisição de conhecimentos, à troca. (1991, p. 37).

A esse respeito Soares esclarece:

Se alfabetizar significa orientar a criança para o domínio da tecnologia da escrita, letrar significa levá-la ao exercício das práticas sociais de leitura e de escrita. Uma criança alfabetizada é uma criança que sabe ler e escrever; uma criança letrada (tomando este adjetivo no campo semântico de letramento e de letrar, e não com o sentido que tem tradicionalmente na língua, este dicionarizado) é uma criança que tem o hábito, as habilidades e até mesmo o prazer de leitura e de escrita de diferentes gêneros de textos, em diferentes suportes ou portadores, em diferentes contextos e circunstâncias (SOARES, 2004, p.51).

A riqueza de entrelaçar o processo escolar de alfabetização e letramento com a literatura traz inúmeros benefícios para a criança, faz com que ela tenha vontade de ser alfabetizada o quanto antes, buscando autonomia para ler sozinha tantas outras histórias que já ouviu por meio de familiares, amigos e professores. Para os educandos que estão num processo mais avançado de letramento, o contato com diversos tipos de texto estimula o conhecimento para novas palavras, na construção de um vocabulário maior que auxilia a refletir sobre a escrita e enredo das narrativas. Nesse processo, a literatura assume um caráter formador, recreativo e pedagógico. De acordo com Zilberman e Lajolo (1985, p.25), a literatura infantil é um excelente recurso em prol do processo de ensino-aprendizagem, do crescimento da criança, de sua alegria e sua magia. A literatura infantil na fase inicial da aprendizagem da criança tem função formadora e socializadora.

Partindo do pressuposto de que o aluno necessita ser protagonista de sua aprendizagem, a autêntica leitura acontece quando se é capaz de interpretar, questionar, criar uma opinião a respeito do assunto proposto, acabando por produzir sentido em sua vida. Quanto mais experiências leitoras forem proporcionadas, melhor será a sua

consciência em entender as entrelinhas que permeiam despercebidas para aqueles que estão condicionados a sempre realizarem uma leitura mecânica e superficial.

Ao ler, o aluno poderia deixar de ouvir o mestre, que tudo pode e tudo sabe, para ouvir a si mesmo e aí acreditar que também sabe e que também pode... errar... parar de ler... discordar... não gostar... misturar... imaginar e sonhar. (...) Abandonar a condição de aluno... aprendiz... ouvinte... criança... conceito... comportamento... para existir como pessoa e leitor (SILVA, 1984, p.83)

Das diversas formas de transmitir os conhecimentos literários em sala de aula, uma merece destaque: a contação de histórias, sugerida para todos os anos das séries iniciais da educação básica. Quando o professor escolhe um texto - poema ou narrativa e o apresenta para sua turma de forma lúdica através de fantoches, teatro de sombras, livros ilustrados, ou até mesmo explorando os recursos da oralidade, acaba por despertar a curiosidade de todos, fazendo com que naquele momento o foco esteja totalmente voltado para o assunto sem dispersões. Ao se fomentar discussões sobre a história, cria-se um diálogo de questionamentos em relação à visão do autor capaz de levar o aluno a se expressar tanto de forma oral como através da escrita. O envolvimento nesse tipo de prática estimula o desejo de vivenciar essa experiência mais vezes.

No que diz respeito a aprendizagem linguística:

Ouvir histórias constitui-se em um momento de muita exigência para a criança: atenção, concentração, antecipações, formulação de hipóteses sobre a natureza da linguagem escrita. São ações que colaboram para a compreensão dos processos e relações estabelecidas no sistema de representação da língua (MAIA, 2007, p. 107).

Para a criança, o professor é o modelo da classe, a forma como este age e suas palavras se tornam referenciais para sua turma, por esse motivo surge a necessidade de estar familiarizado com o mundo literário, usando ferramentas que facilitem seu trabalho com qualidade. Caso contrário terá dificuldades para alcançar seus objetivos pedagógicos ou mesmo de explorar os recursos literários a seu favor e este é um problema recorrente: sem o preparo necessário e sem o devido comprometimento com o ensino de qualidade, o processo de alfabetização se torna enfadonho, prejudica os alunos a adquirir o gosto pela leitura, muitos passam a enxergá-la como punição e não prazer. Entretanto, se o professor for zeloso e cuidar da eficiência do seu trabalho com o texto literário, poderá constatar que

“[...] a literatura possibilita à criança uma apropriação lúdica do real, a convivência com um mundo ficcional, a descoberta do prazer proporcionado pelo texto literário e a apreensão do potencial linguístico que esse texto expressa” (MAIA, 2007, p. 67).

A esse respeito, contribui Daniel ao afirmar:

Pensar a intersecção entre lúdico, livro didático e literatura infantil é pensar em uma prática docente que respeite o aspecto lúdico da literatura infantil, a fim de que na escola a literatura infantil não fique ao sabor da obrigatoriedade de uma aprendizagem. (2010, p. 120).

O estudante precisa sentir que o momento de ler é prazeroso, não uma obrigação, mas algo que lhe fará bem. O educador que adquire a postura de pesquisador leva em conta os gostos e interesses de sua turma, entende que para cada faixa etária existe um determinado tipo de história apropriada, reflete sobre estratégias que tornem sua aula atrativa, buscando textos que sejam ricos em informações para que venham a ser exploradas posteriormente, daí a grande importância das rodas de conversas onde a leitura não é realizada com a única finalidade de decodificar palavras, mas sim de compreender qual é o significado dela em dado contexto e como este contexto tem impacto na vida do aluno. Através da “ação-reflexão-ação” reavalia constantemente sua prática pedagógica, percebe que cada criança possui um determinado potencial e que isso precisa refletir sobre sua forma de lecionar.

Aqueles que por sua vez se encontram nos estágios iniciais da alfabetização necessitam também serem estimulados às práticas leitoras, o fato destes não conseguirem decodificar ainda as palavras não significa que sejam incapazes de utilizar a imaginação e a memória para, através das ilustrações, contarem as suas histórias, praticarem suas “leituras”. Como destaca Regina Ziberman:

A criança conhece o livro antes de saber lê-lo, da mesma maneira que descobre a linguagem antes de dominar seu uso. Os diferentes códigos – verbais visuais gráficos – se antecipam a ela, que os encontra como se estivessem prontos, à espera que os assimile paulatinamente ao longo do tempo. (1998, p. 83).

A esse respeito também contribuem as palavras de Maia:

[...] é ouvindo e tentando fazer leituras de textos com mensagens que remetem ao universo, às vezes real, às vezes imaginário, que ela descobre a língua escrita como um sistema linguístico representativo da realidade. É ouvindo mensagens com contextos significativos que a criança insere-se num processo de construção acerca da linguagem; aprendido, portanto, diferente do processo de simples domínio de

codificação e decodificação de sentenças descontextualizadas e tão comuns nas cartilhas (MAIA, 2007, p. 82)

Neste sentido, proporcionar encontros significativos com a obra literária em forma de projetos e boas contações, investir na qualidade dos profissionais da educação, bem como em salas de leitura ou bibliotecas que possam adquirir visualmente uma aparência lúdica para despertar o interesse dos pequenos, são ações que muito colaboram para a formação leitora e a inserção da criança no mundo das letras.

Ler o mundo, ouvir histórias são fatores que influenciam na formação do leitor, uma vez que a formação do leitor se inicia nas suas primeiras leituras de mundo, na prática de ouvir histórias narradas oralmente ou a partir de textos escritos, na elaboração de significados e na descoberta de que as marcas impressas produzem linguagem (CORSINO, 2009, p. 57).

Para Maia,

Ouvir histórias constitui-se em um momento de muita exigência para a criança: atenção, concentração, antecipações, formulação de hipóteses sobre a natureza da linguagem escrita. São ações que colaboram para a compreensão dos processos e relações estabelecidas no sistema de representação da língua. (2007, p. 107).

Assim, a literatura sabiamente trabalhada torna-se a arte que motiva a alfabetização, caracterizando-se como uma porta aberta para aqueles que buscam conhecimento, dando sentido às palavras e fazendo com que elas ganhem vida no cotidiano e no exercício da cidadania. Por esse motivo, a criança que é alfabetizada tendo como apoio livros, estará mais preparada para pensar sobre si mesma, questionar e agir segundo suas opiniões.

Ler, segundo Freire, não é caminhar sobre as letras, mas interpretar o mundo e poder lançar sua palavra sobre ele, interferir no mundo pela ação. Ler é tomar consciência. A leitura é antes de tudo uma interpretação do mundo em que se vive. Mas não só ler. É também representá-lo pela linguagem escrita. Falar sobre ele, interpretá-lo, escrevê-lo. Ler e escrever, dentro desta perspectiva, é também libertar-se. Leitura e escrita como prática de liberdade.

(ALMEIDA, 2009, p.26)

3. Considerações Finais

Após os estudos efetuados para o desenvolvimento deste trabalho, é possível concluir que a literatura infantil tem o poder de transformar vidas, uma vez que a prática leitora pode mudar o modo de agir e ver o mundo, levando o sujeito a construir

pensamento crítico e autônomo, exercendo sua cidadania. Para que isso de fato se concretize é urgente pedagogos que valorizem a literatura, introduzindo fábulas, contos, poemas em suas aulas com o intuito de levar seus alunos a adquirirem gosto pela leitura de forma lúdica e prazerosa.

Quanto mais cedo se iniciar esta prática, maiores chances de formar alunos que gostem de ler, por esse motivo o momento da alfabetização é oportuno para plantar essa semente e começar a regá-la, uma vez que alfabetizar exige dos professores preparo e dedicação, além das escolhas certas dos seus instrumentos. Nesse sentido, um profissional que lê constantemente e transmite esse gosto para sua turma, mais do que apresentar palavras, oferece um universo mágico onde a leitura ganha sentido e propósito, para levantar hipóteses e refletir sobre temas importantes. Assim, contar histórias contribui para o avanço do domínio linguístico e do letramento, proporcionando reflexões que tem como propósito auxiliar na formação de caráter e na personalidade, bem como estimula a criatividade e gera prazer.

4. Referências

- ABRAMOVICH, Fanny. *Gostosuras e bobices*. 5 ed. São Paulo: Scipione. 1993
- ALMEIDA, Fernando José de. *Folha Explica Paulo Freire*. São Paulo: Editora Publifolha, 2009
- CADERMARTORI, Lígia. *O que é Literatura Infantil*. 6. ed. São Paulo: Brasiliense, 1994.
- COELHO, Nelly Novaes. *Literatura Infantil: Teoria, Análise, Didática*. São Paulo: Moderna, 2009.
- CORSINO, Patrícia. *Prática Educativa da Língua Portuguesa na Educação Infantil*. Curitiba: IESDE Brasil/A. 2009
- DANIEL, Camila Matos de Oliveira. *Literatura infantil e ludicidade no livro didático de 1º ano do ensino fundamental*. Londrina/PR: Dissertação de Mestrado, 2010.
- FERREIRA, Laís Silva. *A voz e a vez da mulher em “Memórias da Emília”*, de Monteiro Lobato. 53 f. Monografia (Graduação em Pedagogia Supervisão DAIEF - Docência dos

Anos Iniciais do Ensino Fundamental) – Fundação Universidade Federal do Tocantins, Miracema do Tocantins, Tocantins, 2008.

KRAMER, Sônia; ABRAMOVAY, MIRIAM. *"O rei está nu": um debate sobre as funções da pré-escola*. In: cadernos CEDES 09: educação pré-escolar, desafios e alternativas. São Paulo, Cortez, 1991.

LAJOLO, Marisa e Zilberman, Regina. *Um Brasil para Crianças: para conhecer a literatura infantil brasileira: história, autores e textos*. São Paulo: Global, 1986.

_____. *A Formação da Leitura no Brasil*. São Paulo: Editora Ática, 1985.

MAIA, Joseane. *Literatura na formação de leitores e professores*. São Paulo: Paulinas, 2007.

MEIRELES, C. *Problemas de Literatura Infantil*. 3. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984.

MORTATTI, Maria Rosário Longo. *História dos Métodos de Alfabetização*. 16 f. Conferência proferida durante o Seminário "Alfabetização e letramento em debate", promovido pelo Departamento de Políticas de Educação Infantil e Ensino Fundamental da Secretaria de Educação Básica do Ministério da Educação, realizado em Brasília, 2006.

NUNES, Cassiano. *Monteiro Lobato: o editor do Brasil*. Rio de Janeiro: Editora Contraponto, Petrobras, 2000.

SILVA, Lillian L. M. da. *A escolarização do leitor: a didática da destruição da leitura*. Campinas, UNICAMP, 1984. (Dissertação de Mestrado em Teoria Literária)

SOARES, Magda Becker. *Letramento- um tema em três gêneros*. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.

REYES, Y. (2013). *Mundos possíveis*. Revista Emília. Recuperado em 13 de setembro de 2017, de <http://www.revistaemilia.com.br/mostra.php?id=299>

ZILBERMAN, Regina. *A leitura e o ensino da literatura*: Contexto. São Paulo, Global, 1998.

_____. *A literatura infantil na escola*. 11^a Ed. Rev. Atual e ampl. São Paulo, Global, 2003.